

PESQUISAS COM CRIANÇAS SOBRE DIFERENÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR EM RELAÇÃO À ÚLTIMA DÉCADA DE PRODUÇÕES NO CENÁRIO BRASILEIRO

Me. Anna Líssia Silva

lissia_@hotmail.com

Doutoranda pela Universidade Federal de Alagoas

RESUMO: Neste trabalho, tivemos como objetivo mapear as produções acerca da diferença na Educação Infantil no âmbito das publicações brasileiras no período entre 2007 e 2017, que foram baseadas em pesquisas com crianças. Para tanto, recorremos ao Banco de Teses e Dissertações e Portal de Periódicos da CAPES. Discutimos sobre as relações entre diferença e Educação Infantil, a ascensão das discussões sobre diferenças e educação no Brasil, e as pesquisas com crianças. A partir dos dados encontrados, pudemos perceber um crescimento nas pesquisas com crianças, especialmente com aportes do campo dos Estudos da Criança e da Sociologia da Infância. No entanto, esse mesmo crescimento não se dá em relação a trabalhos relacionados às diferenças que se utilizam das metodologias relacionadas às pesquisas com crianças. Compreendemos que as pesquisas com crianças ancoradas nos Estudos da Criança e na Sociologia da Infância, que colocam as crianças como coautoras e não apenas como sujeitos alvos do olhar de pesquisadores e pesquisadoras, podem trazer saltos qualitativos para se pensar a relação entre diferenças e educação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil, diferenças, pesquisas com crianças.

RESEARCH WITH CHILDREN ON DIFFERENCES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: A LOOK AT THE LAST DECADE OF PRODUCTIONS IN THE BRAZILIAN SCENARIO

ABSTRACT: In this work, we aimed to map the productions about the difference in Early Childhood Education in the scope of Brazilian publications in the period between 2007 and 2017, which were based on research with children. For that, we used the Bank of Theses and Dissertations and the Portal of Periodicals of CAPES. We discussed the relationship between difference and Early Childhood Education, the rise of discussions about differences and education in Brazil, and research with children. From the data found, we could perceive a growth in research with children, especially with contributions from the field of Child Studies and Sociology of Childhood. However, this same growth does not occur in relation to work related to the differences that are used methodologies related to research with children. We understand that research with children anchored in Children's Studies and in Sociology of Children, who place children as coauthors and not only as subjects targeted by researchers, can bring qualitative leaps to think about the relationship between differences and education.

KEYWORDS: Early Childhood Education, differences, research with children.

Educação infantil e diferença

A infância enquanto construção cultural, portanto social e histórica, tem seus modos de significação alterados ao longo do tempo, pois cada sociedade em cada época constrói significados para a infância, bem como formas de ser criança. Como afirma Postman (2011, p. 11), “Passado o primeiro ano de vida, a infância é um artefato social, não uma categoria biológica”.

Além de artefato social a infância é também uma categoria geracional (QVORTRUP, 2010; SARMENTO, 2005), posto que seja um coletivo de pessoas que compartilham uma mesma faixa etária, que por sua vez é definida com variações de acordo com a época e a sociedade. Para Qvortrup (2010), a infância como categoria geracional é uma categoria estrutural e permanente das sociedades, pois, embora as crianças estejam de passagem pela infância, posto que se tornarão adultas, a infância recebe novas crianças em estado permanente.

Sarmento (2005), ressalta que além de uma categoria geracional e biopsicológica, as condições sociais nas quais as crianças vivenciam suas infâncias promovem uma diversidade dentro da infância enquanto grupo geracional. As crianças também são seres sociais e, dessa forma, “[...] distribuem-se pelos diversos modos de estratificação social: a classe social, a etnia a que pertencem, a raça, o gênero, a região do globo onde vivem. Os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças.” (SARMENTO, 2005, p. 370). Nesse sentido, podemos dizer que para além da questão geracional, a infância também é uma categoria transpassada pelas diferenças.

As instituições de educação infantil constituem o primeiro contexto não familiar onde as crianças experenciam a diferença nas suas relações sociais, tendo em vista que antes do ingresso nesse espaço educativo, as crianças se relacionam apenas com seus familiares, sem muito contato com as diferenças. Assim, desenvolver pesquisas que coloquem em evidência as forma como as crianças convivem com as diferenças, bem como experiências que toquem crianças e adultos numa perspectiva que legitima as diferenças, pode nos trazer formas diferenciadas de perceber e se relacionar com o Outro.

De acordo com Faria e Finco (2013, p. 93-94)

[...] no Brasil a entrada da criança pequena na creche e na pré-escola significa o encontro com as diferenças, a chegada na esfera pública. A passagem efetiva da esfera privada da casa para a esfera pública na educação infantil, creche ou pré-escola, vai proporcionar espaços de encontros e desencontros com a diversidade. [...] Assim, as vivências e os conflitos nas formas de ser criança no ambiente público e coletivo de creches e pré-escolas podem representar uma riqueza de possibilidades de conhecer o outro, de se relacionar com

as diferenças e com o respeito à diversidade, enfim, de construir o pertencimento étnico, de gênero e de classe. (grifos nossos).

Nesse sentido, a socialização das crianças nos espaços da educação infantil proporciona um encontro mais efetivo das crianças com as diferenças. Ressaltamos que nossa compreensão acerca do potencial socializador da escola não é num sentido de inculcação dos valores dos adultos, mas num processo onde a criança não é passiva, pois participa ativamente, quer seja resistindo, reinventando, imitando, aceitando, enfim, como sujeito social ativo (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2010).

Larrosa (1999, p. 186) lembra que: “a alteridade da infância nos leva a uma região em que não comandam as medidas do nosso saber e do nosso poder”. Dessa forma, compreendemos que os contextos de educação infantil podem nos desvelar algumas pistas de como as crianças vão construindo suas relações com a dissimilitude e com isso poderemos pensar formas outras de educação que leve as diferenças em consideração num processo de diálogos e respeito. Assim, escutando as crianças de maneira sensível às suas inúmeras maneiras de se expressarem, poderemos compreender outras formas de experiência com a diferença. Experiência que nos toquem e nos mudem, que nos possibilitem o encontro entre o eu e o outro num espaço de diálogos e não apenas numa relação de tolerância.

Diferença e diversidade

Em tese intitulada “*A ascensão da diversidade nas políticas educacionais contemporâneas*”, Rodrigues (2011) aponta a década de 1990 como o início das discussões relacionadas às diferenças nas políticas no Brasil, bem como um início de crescimento dessa temática nas publicações na área da educação. Nas palavras da autora: “[...] foi a partir da década de 1990 que vimos surgir um número expressivo de programas e iniciativas do Governo Federal que reafirmam o caráter pluricultural da sociedade brasileira e a necessidade de respeito à diversidade” (RODRIGUES, 2011, p. 24). Em seus levantamentos iniciais o Ministério da Educação figura com uma maior quantidade de programas e ações, seguido pelos Ministérios da Cultura e Saúde. Essa concentração no Ministério da Educação, segundo análise da autora, reafirma a centralidade da educação como processo, e a escola como espaço social privilegiado no enquadramento e/ou mediação dos dilemas sociais brasileiros.

Essa convergência de programas e políticas relacionadas diretamente com o campo educacional, nos mostra o quanto parece ser consenso que os espaços educacionais

são *lócus* privilegiados para discussão e ressignificação das nossas relações com as diferenças.

E nesse sentido, é importante discutir como os termos diferença e diversidade vêm sendo mobilizados nos debates sobre a temática no cenário das políticas e literatura na área da educação. Esses dois vocábulos são utilizados muitas vezes como se mantivessem os mesmos significados, e em alguns contextos são tratados com intencionalidades políticas bem diferenciadas. No campo dos documentos legais e orientações curriculares o termo diversidade aparece com maior evidência, já nas publicações de periódicos os dois termos são utilizados em grande medida de maneira indistinta, sendo que nos últimos anos o termo diferença tem ganhado maior adesão, conforme levantamento realizado em pesquisa anterior (SILVA, 2014).

Alguns autores, como Bhabha (1998) e Rodrigues (2011) defendem que os termos não devem ser usados de forma indiferenciada, pois guardam sentidos distintos. Para Bhabha (1998, p. 63)

A diversidade cultural é um objeto epistemológico – a cultura como objeto de conhecimento empírico – enquanto a diferença cultural é o processo de *enunciação* da cultura como “conhecível”, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural. (grifos do autor).

Para o autor a diversidade cultural, mantida num enquadramento temporal relativista, origina noções liberais acerca do multiculturalismo, de intercâmbio cultural ou da cultura da humanidade.

Rodrigues (2011, p. 16), ao analisar a utilização do termo diversidade, afirma que: “[...] a imprecisão ou o seu uso irrestrito pode restringir-se ao simples elogio às diferenças, as pluralidades e diversidades, tornando-se uma armadilha conceitual e uma estratégia política de esvaziamento e/ou estratégia de apaziguamento das diferenças”.

Assim, ambos chamam atenção para o caráter liberal do uso do termo diversidade. Bhabha (1998) quando ressalta que a diversidade reconhece os conteúdos culturais como pré-dados, e Rodrigues (2011) ao chamar atenção para o discurso da diversidade como sendo utilizado para apaziguar as diferenças, restringindo-se apenas ao elogio à diferença. Assim, o termo diversidade pode ser utilizado no sentido de reconhecer e mesmo incentivar as diferenças, mas pode reforçar o sentido de que sendo elementos “naturais” da condição humana, as diferenças podem ser territorializadas e toleradas a partir de um enquadramento etnocêntrico.

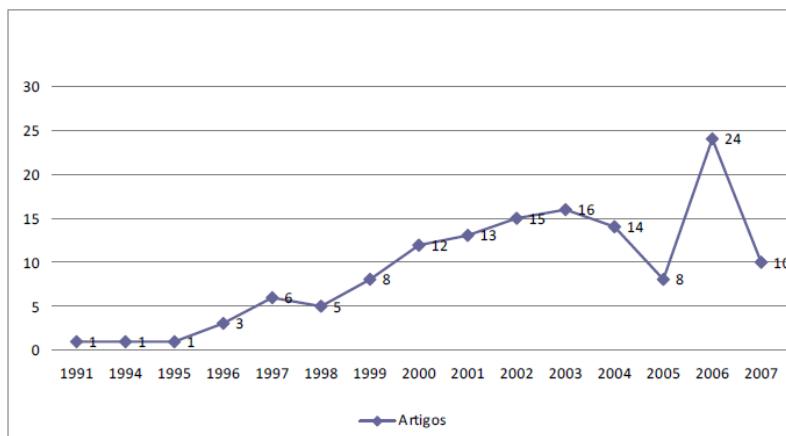
De acordo com Bhabha (1998, p. 63), o termo diferença traz outra conotação para a discussão:

Se a diversidade é uma categoria de ética, estética ou etnologia comparativas, a diferença cultural é um processo de significação através do qual afirmações *da cultura ou sobre a cultura* diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade. (grifos do autor).

A distinção apresentada por Bhabha indica que a diferença enquanto categoria cultural aponta para relações sociais de poder, situadas culturalmente e historicamente, que permeiam os processos de significação das dissimilitudes entre as pessoas, culturas e formas de ser no mundo. É a partir dessa compreensão que utilizamos o termo diferença neste trabalho.

Quanto ao crescimento da discussão sobre a temática, a pesquisa realizada por Rodrigues (2011) aponta alguns dados sobre esse fato, no levantamento realizado pela autora foram analisados trabalhos publicados entre 1990 e 2007, sendo analisados 137 artigos em 23 periódicos.

Figura 1 – Gráfico apontando o crescimento das publicações sobre diferença e diversidade analisadas por Rodrigues (2011)



Fonte: Rodrigues (2011, p. 26).

Conforme pode ser visto na Figura 1, há um crescimento progressivo nas publicações relacionadas à temática, com exceção nos anos 2004, 2005 e 2007. Para a autora, o ano de 2006 destaca-se com uma grande quantidade de publicações em virtude de números temáticos lançados em diversos periódicos que tiveram como foco a discussão sobre mudanças na matriz de políticas públicas, e “[...] em como compatibilizar nas políticas públicas as exigências de respeito à diferença reivindicadas por grupos sociais sem restringir-se ao relativismo cultural.” (RODRIGUES, 2011, p. 26). A autora

observou também um crescimento relacionado à temática nos trabalhos apresentados nas Reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação – ANPED.

Considerando esse aumento na produção científica, nos dispusemos a realizar um levantamento no campo da Educação Infantil, observando se a temática relacionada às diferenças também está presente nas pesquisas com crianças.

Assim, neste trabalho, tivemos como objetivo mapear as produções acerca da diferença na Educação Infantil no âmbito das publicações brasileiras no período entre 2007 e 2017, que foram baseadas em pesquisas com crianças. Para tanto, recorremos ao Banco de Teses e Dissertações da CAPES, e ao Portal de Periódicos também da CAPES.

As pesquisas com crianças relacionadas ao tema diferenças

Em relação aos estudos sobre a infância, de acordo com Montandon (2001), é só a partir dos anos 20 do século passado que emergiu um interesse pela infância, sendo que nesse início o interesse esteve pautado nas crianças com deficiência mental e jovens delinquentes. Dessa forma, inicialmente são os reformadores sociais, filantropos, médicos e psicólogos que desenvolvem estudos sobre a infância. É só a partir da década de 80 que se têm trabalhos mais originais sobre a infância no campo da Sociologia.

A distinção entre pesquisar *com* crianças e não *sobre* crianças, é considerada de extrema relevância para a área de Estudos da Criança e Sociologia da Infância, isso porque, como ressaltam diversas autoras e autores (MONTANDON, 2001; CORSARO, 2011; SIROTA, 2001 etc.) por muito tempo a criança tem sido vista como objeto de estudo pelas mais diversas áreas e não como protagonistas da construção de conhecimentos sobre a infância. Na perspectiva da Sociologia da Infância, desenvolver pesquisas com crianças é “Reconhecê-las como sujeitos, ao invés de objetos de pesquisa, envolve aceitar que as crianças podem falar em seu próprio direito, que são capazes de descrever experiências válidas”. (DELGADO; MÜLLER, 2005, p. 172).

Nessa perspectiva, quando se define uma investigação como “pesquisa *com* crianças” e não sobre as crianças, “[...] o objetivo passa a ser pesquisar **com a criança** as experiências sociais e culturais que ela compartilha com as outras pessoas do seu ambiente, colocando-a como parceira do adulto-pesquisador [...]”. (SOUZA E CASTRO, 2008, p. 53, grifos das autoras.).

Nesse sentido, desenvolver pesquisas que dialoguem com os Estudos da Criança e a Sociologia da Infância é de interesse da Educação, tendo em vista evidenciarem conhecimentos que subsidiam as práticas educativas com as crianças, e registrarem as vozes e perspectivas das crianças acerca de suas vivências e experiências, e no enquadramento deste trabalho, as vivências e experiências das crianças no que se refere às suas relações com as diferenças.

Para realizar o levantamento, inicialmente fizemos uma pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, na busca pesquisamos o termo “pesquisa com crianças”, para podermos selecionar as que trazem a temática das diferenças. A busca resultou em 83 trabalhos, sendo que 77 foram publicados entre 2007 e 2017, e desses, 29 são anteriores à plataforma Sucupira, não estando disponíveis para consulta, nem do resumo e nem do trabalho completo.

Para analisar os trabalhos organizamos um quadro com o tipo de trabalho, ano de defesa, título, palavras-chave, universidade e o campo de pesquisa. Dessa forma, pudemos identificar quais as pesquisas que definiam nas suas palavras-chave ser uma “pesquisa com criança”. Em alguns trabalhos essa informação se encontrava no resumo, bem como a indicação do campo de pesquisa.

Dos 47 trabalhos, percebemos que seis dissertações e duas teses, não se enquadram na definição de pesquisas com crianças, dentre esses trabalhos, encontramos dois que utilizaram a pesquisa bibliográfica, um que teve como público alvo estudantes de graduação e os demais que se encaixam na definição de pesquisas sobre crianças. As instituições com maior quantidade de pesquisas publicadas na plataforma Sucupira sobre a temática da diferença na pesquisa com crianças foram a Universidade Federal do Rio Grande do sul, com 12 trabalhos e a Universidade Estadual do Rio de Janeiro, com quatro.

Em relação à realização das pesquisas na educação infantil, 18 trabalhos foram direcionados a essa etapa da educação básica, e dois que articularam a pesquisa com crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A partir desses dados, podemos perceber que a maioria das pesquisas com crianças está concentrada na Educação Infantil, o que mostra um avanço no sentido de se considerar as crianças menores como interlocutoras no desenvolvimento de pesquisas.

No portal de periódicos da CAPES, através do acesso “CAFE”, utilizamos o mesmo termo de busca “pesquisa com crianças”, refinando a busca para artigos publicados em língua portuguesa entre 2007 e 2017. O resultado foi 34 artigos, dentre

eles apenas 20 eram publicados em periódicos brasileiros e 16 com discussões ou resultado de investigação de pesquisas com crianças.

A partir desses dados, podemos perceber que a quantidade de pesquisas nos programas de pós-graduação não resultou necessariamente numa quantidade tão aproximada de publicações em periódicos, até porque, das 16 publicações encontradas, quatro traziam ou questões teóricas e metodológicas sobre o tema ou um levantamento de produções acerca da infância.

Identificamos as pesquisas com crianças que tratam de questões relacionadas às diferenças a partir de questões relacionadas à temática como gênero, raça, etnia, diversidade da composição familiar, religiosidade, etc. Nos 39 títulos de pesquisas com crianças encontradas no Banco de Teses e Dissertações da CAPES entre 2007 e 2017, sete dissertações articulam a temáticas relacionadas às diferenças, todas elas defendidas entre 2013 e 2015.

Como observamos anteriormente, uma grande quantidade de pesquisas com crianças se concentra na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, embora esse fato se restrinja aos dados da CAPES, e pode ser bem parcial, tendo em vista que muitos programas de pós-graduação demoram a enviar suas pesquisas para serem indexadas no banco da CAPES. Assim, dos resultados obtidos na nossa busca, foi nessa universidade que encontramos o maior número de pesquisas com crianças envolvendo diferenças, ou seja, dos 12 trabalhos de pesquisa com crianças desta instituição, quatro articulam à temática das diferenças.

No quadro a seguir, organizamos os dados das pesquisas encontradas, para uma melhor visualização de títulos e outros detalhes dos trabalhos.

Quadro 1 – Pesquisas com crianças com temáticas relacionadas às diferenças encontradas no Banco de Teses e Dissertações da CAPES no período de 2007-2017

Ano da Defesa	Tipo de trabalho	Título	Autoria	Universidade	Campo de Pesquisa
2013	Dissertação	MINHA COR E A COR DO OUTRO: QUAL A COR DESSA MISTURA? Olhares sobre a racialidade a partir da pesquisa com crianças na Educação Infantil	BISCHOFF, Daniela Lemmertz	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	Educação Infantil
2014	Dissertação	Corpos e gênero: olhares das crianças de uma escola especializada no atendimento às pessoas com deficiência intelectual e múltipla no município de Corumbá/MS	MAISATTO, Roberta de Oliveira	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL	Educação Especial - Atendimento Especializado

2014	Dissertação	INFÂNCIA INDÍGENA: COMO AS CRIANÇAS ARARA-KARO NA REGIÃO AMAZÔNIDA DIZEM DE SI SOBRE 'O SER INDÍGENA'	ALVES, Rozane Alonso	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	Aldeia
2014	Dissertação	PEDAGOGIAS DA RACIALIZAÇÃO EM FOCO: UMA PESQUISA COM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	MACHADO, Liliane Marisa Rodrigues	UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL	Educação Infantil
2014	Dissertação	Quem inventou o sexo? Experiências cotidianas de crianças e professoras acerca de gênero e sexualidade	DINIZ, Cassiane Campos	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	Ensino Fudnamental - Anos finais
2015	Dissertação	O que as crianças dizem sobre família(s) em suas brincadeiras com bonecos-família?	ENGELMAN, Debora	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	Educação Infantil
2015	Dissertação	GRIOT-EDUCADOR: a Pedagogia ancestral negro-africana e as infâncias, em um espaço de cultura Afro-gaúcha	PEREIRA, Patrícia da Silva	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	ONG

Fonte: a autora

Como podemos perceber, as pesquisas focam pertencimentos étnico-raciais (4), gênero e/ou sexualidade (2), e família (1). Das sete dissertações, apenas uma não foi possível ter acesso: *Infância Indígena: como as crianças Arara-karo na região amazônica dizem de si sobre o 'ser indígena'*, pois a mesma está aguardando a autorização da autora para publicação na plataforma Sucupira. Como o nosso foco foi analisar a produção de pesquisas com crianças na Educação Infantil com temáticas relacionadas às diferenças, apenas três se enquadraram nesses critérios, as demais não se configuraram como pesquisas com crianças.

No que se refere ao arcabouço teórico utilizado nas pesquisas que tiveram como campo a educação infantil, a primeira pesquisa refere-se à dissertação de Bischoff (2013), que se propôs a

analisar, discutir, refletir sobre as formas como as crianças pequenas lidam com o conceitos de negritude, branquitude, raça, etc, principalmente a partir de artefatos culturais, como livros de literatura infantil e bonecos com características diferenciadas dos “modelos” encontrados nas lojas. (BISCHOFF, 2013, p. 87).

A autora utiliza referências relacionadas à Sociologia da Infância, Estudos Culturais e Filosofia da Infância, trazendo as contribuições de autores e autoras como, Manuel Sarmento, Leni Dornelhes, Jorge Larrosa, Walter Kohan, Gládis Karcher, Stuart Hall, entre tantos. No que se refere à metodologia, a pesquisadora se utilizou de uma série de instrumentos para visibilizar as vozes e ideias das crianças, como desenhos, expressão oral, fotografia, modelagem, dramatizações, expressões musicais.

Diante do exposto, podemos afirmar que a pesquisa com crianças se deu a partir das formas como as crianças lidam com os conceitos relacionados à raça, a partir de artefatos culturais, tendo um diferencial na pesquisa, pelo fato da pesquisadora ser também a professora do grupo de crianças que foi sujeito da pesquisa, dessa forma, a pesquisa tem também um caráter de intervenção.

A segunda pesquisa analisada é a de Machado (2014) que envolveu também a questão racial. O objetivo de seu estudo foi “analisar como as pedagogias da racialização operam constituindo significados sobre raça/cor em uma turma de Educação Infantil de uma escola municipal de Alvorada.” (MACHADO, 2014, p. 14), tendo como foco as interações e conversas das crianças. A pesquisa foi ancorada nas discussões do campo dos Estudos Culturais, e a metodologia foi desenvolvida a partir de encontros com as crianças, vivenciados sem a presença da professora da turma e com o ambiente previamente organizado.

Foram utilizados materiais bem diversificados como fotos, vídeos, filmes, livros de histórias infantis, bonecas, fantasias, perucas, folhas de papel, lápis de cor, canetinhas, giz de cera, entre outros materiais. Assim, podemos perceber que na pesquisa optou-se pela proposição de materiais e estratégias que mobilizavam as crianças a se colocarem frente à temática e refletissem sobre a mesma.

A terceira pesquisa analisada é a de Engelman (2015) que traz questões relacionadas com as diferenças, vemos surgir um tema que tem sido largamente discutido nos últimos anos, especialmente a partir da luta pelo casamento civil e direito à adoção de crianças por casais homoafetivos travada pelo movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), a saber: o que podemos considerar como sendo uma família?

É uma temática de extrema relevância especialmente na Educação Infantil, tendo em vista que temos uma diversidade de composição familiar na atualidade, e independente de como sejam suas famílias, as crianças precisam sentir-se acolhidas nas suas diferenças.

A autora apresenta como seu problema de pesquisa a seguinte questão: “Como as crianças constituem suas combinações de família fazendo uso de bonecos-família em suas brincadeiras?” (ENGELMAN, 2015, p. 12). E sintetiza seu processo investigativo afirmando:

As narrativas das crianças constituíram o corpus de análise desta pesquisa e os bonecos-família, o instrumento metodológico de investigação. Utilizei os

estudos culturais como referencial teórico para realizar uma análise crítica das representações de família que emergiam das vozes das crianças. (ENGELMAN, 2015, p. 13).

A autora também utilizou diário de campo e a brincadeira foi o lugar privilegiado de coleta de dados. Essa pesquisa também aponta uma metodologia diferenciada como as anteriores, nos fazendo refletir que para pesquisar com as crianças, as estratégias precisam ser diversas e ricas em possibilidades para que as crianças se expressem através das diversas linguagens.

No que se refere aos artigos publicados nos periódicos, apenas três trazem resultados de pesquisas com crianças, que se atrelam a questões relacionadas às diferenças, conforme quadro abaixo:

Quadro 2 – Artigos publicados de pesquisas com crianças com temáticas relacionadas às diferenças

Ano	Título	Autoria	Palavras-chave	Periódico
2011	Era uma vez uma princesa e um príncipe....: representações de gênero nas narrativas de crianças	FILHA, Constantina Xavier	representações de gênero; pesquisa com crianças; gênero	Revista estudos feministas
2012	A menina e o menino que brincavam de ser....: representações de gênero e sexualidade em pesquisa com crianças	FILHA, Constantina Xavier	Não consta	Revista Brasileira de Educação
2015	A infância indígena: pesquisa com crianças na aldeia Canuanã (Formoso do Araguaia – TO).	POLESE, Nathalia Cunha	Infância indígena; Culturas da Infância; Educação Intercultural.	Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia

Fonte: a autora.

Como podemos perceber, se repete a predominância de estudos relacionadas à diferença mais restritos as discussões ético-raciais e de gênero, no entanto, nenhum dessas três pesquisas foi realizada na educação infantil, as duas primeiras foram realizadas com crianças do 5º ano do ensino fundamental, a terceira pesquisa numa aldeia, sendo que a autora não especifica a idade das crianças participantes da pesquisa.

Novamente, percebemos que nem sempre as pesquisas na área da Educação Infantil no que se refere a temáticas relacionadas às diferenças estão sendo publicadas em periódicos, talvez estejam mais restritas a apresentações em eventos científicos, o que pode ser dado para ser investigado em uma busca mais aprofundada envolvendo eventos relacionados a área da educação e da educação infantil.

Algumas considerações

Os espaços da Educação Infantil tem a potencialidade de ampliar as formas como as crianças percebem e lidam com o mundo, as outras crianças e os adultos, posto que

sejam os primeiros espaços nos quais as crianças entram em contato uma diversidade maior de experiências e pessoas.

Para Finco e Oliveira (2011, p. 62):

Ao olhar para as questões relacionadas às diferenças, podemos afirmar que socialização da criança pequena se amplia com o convívio na educação infantil. [...] No convívio social, as crianças pequenas constroem suas identidades, aprendem desde pequenas os significados de serem meninas ou meninos, negras e brancas e experimentam nas relações do cotidiano da creche e da pré-escola a condição social de ser criança.

Dessa forma, apreender as formas como as crianças pequenas se relacionam e constroem suas identidades e culturas de pares na relação com as diferenças, pode contribuir para também nos repensarmos e para reorientar nossas práticas e gestos para com as crianças e as diferenças.

A partir dos dados encontrados, pudemos perceber um crescimento nas pesquisas com crianças, no entanto, esse mesmo crescimento não se dá em relação a trabalhos relacionados às diferenças que se utilizem das metodologias relacionadas às pesquisas com crianças.

As pesquisas com crianças estão em movimento de expansão ainda, dessa forma, há muito que pesquisarmos junto com nossas crianças, levando-a em consideração enquanto sujeitos ativos, criativos e com competência para evidenciar seus modos perceber o mundo e atuar sobre ele.

Pudemos perceber também, que há uma diversidade de metodologias sendo utilizadas, o que é coerente com a multiplicidade de possibilidades de linguagens que as crianças utilizam para se expressarem. E nesse aspecto, não nos cabe julgar se essa ou aquela metodologia é mais eficaz nas pesquisas com crianças, pois a sua validade estará ligada à eficácia de evidenciar as vozes das crianças e suas culturas.

Acreditamos que desenvolver pesquisas que coloquem em evidência as formas como as crianças interpretam e convivem com as diferenças, bem como experiências que toquem crianças e adultos numa perspectiva que legitima as diferenças, podem nos trazer formas diferenciadas de perceber e se relacionar com o Outro.

Também compreendemos que as pesquisas com crianças que as coloquem como coautoras e não apenas como sujeitos alvos do olhar de pesquisadores e pesquisadoras, podem trazer saltos qualitativos para se pensar a relação entre diferenças e educação.

Trazer o foco de pesquisas com crianças para o cotidiano da educação infantil e seu papel junto às crianças na construção de significados acerca das diferenças se faz

importante por entendermos que, se a escola não fica alheia aos processos sociais de diferenciação, tampouco as crianças se excluem desse processo, pois a própria infância se instaura num terreno de diferenças, já que não há uma infância, mas infâncias, não há um modelo de criança, mas crianças com diversos fatores de heterogeneidade, como gênero, classe social, etnia, raça, religião etc., afinal espaços sociais e as suas diferentes estruturas diferenciam as crianças (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2010).

É no cotidiano da educação infantil que as crianças, em contato com seus pares e suas multiplicidades de modos de ser e estar no mundo, vão construindo seus processos de identificação, suas pertenças e seus modos de perceber e reinterpretar as diferenças. E esses processos podem ser potencializados ou cerceados a partir dos gestos dos adultos, e para que nossos gestos se direcionem num sentido de aprender com as crianças e potencializar seus encontros com a diferença, as pesquisas com crianças, afastando-se das lógicas adultocêntricas podem, a partir do ponto de vista das crianças, nos indicar caminhos para relações mais horizontais com as diferenças.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. A sociologia da infância no Brasil: uma área em construção. **Educação**. Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 39 – 52, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacao>. Acesso em 15 de novembro de 2011.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BISCHOFF, Daniela Lemmertz. **Minha cor e a cor do outro? Qual a cor dessa mistura?** - Olhares sobre a racialidade a partir da pesquisa com criança na educação infantil. 2013. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Trad. Lia Gabriele Regius Reis. Rev. Téc. Maria Letícia B. P. Nascimento. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 35, n. 125, maio 2005 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742005000200009&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 03 ago. 2012

ENGELMAN, Débora. **O que dizem as crianças sobre família(s) em suas brincadeiras com bonecos-família?** 2015. 116 fl. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2015

FINCO, Daniela; OLIVEIRA, Fabiana de. A Sociologia da Pequena Infância e a Diversidade de Gênero e Raça nas Instituições de Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúci Goulart de; FINCO, Daniela. (Orgs.) **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 55-80.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela. Creche e pré-escolas em busca de pedagogias descolonizadoras que afirmem as diferenças. In: ABRAMOWICZ, Anete; VANDENBROECK, Michel (Orgs.). **Educação Infantil e Diferença**. Campinas: Papirus, 2013, p. 109-124.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica: 1999.

MACHADO, Liliane Marisa Rodrigues. **Pedagogias da Racialização em Foco**: uma pesquisa com crianças da Educação Infantil. 2014. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil. Canoas, RS, 2014.

MONTANDON, Cléopâtre. Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 112, mar. 2001. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 abr. 2013.

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Trad. Suzana Menescal de Alencar e José Laurenio de Melo. 5^a Reimpressão. Rio de Janeiro: Graphia, 2011.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 36, n. 2, ago. 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-9702201000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 09 maio 2012.

RODRIGUES, Tatiane Cosentino. **A ascensão da diversidade nas políticas educacionais contemporâneas**. 2011. 234 p. Tese. (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e Alteridades: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ. Soc.** Campinas, vol 26, n. 91. p. 361-378, Maio./Ago. 2005.

SOUZA, Solange Jobim; CASTRO, Lucia Rabello de. Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. (Org.) **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008. p. 52-78.

SILVA, Anna Líssia da. **Somos iguais (?)**: práticas e discursos sobre a diferença na educação infantil. 2014. 218p. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) - Universidade Federal de Pernambuco. Caruaru, 2014.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , n. 112, p. 7-31, mar. 2001 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000100001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 abr. 2013.

Recebido em: 12/08/2017

Aprovado em: 17/04/2018